

Oração aos Calouros

134

EDSON VIDIGAL*

Valeu a pena, sim.

Mas não pense agora que já tendo alcançado, como alcançou, a linha de chegada você já esteja vitorioso.

(Sobre as dívidas, eu sei).

Transitar livre agora pela geografia inteira, adaptada, com todas as portas se abrindo, como aquelas do desembarque no aeroporto, é uma conquista mas não se esqueça de que é também uma ilusão.

Aos poucos, a importância que você pensa que tem (ou que vai ter, por que não?) irá se desmanchando como fantasia de papel crepom e se não se preservar muito, amigo, na convicção das coisas que imaginou ao tempo em que seu olfato era capaz de tolerar as axilas populares, vai se desiludir cedinho.

Assumindo nos corredores o seu sumiço ou sendo qualquer coisa em "off" (e por que não, por exemplo, um liberal?), mais cedo ainda você sumirá.

Você vai descobrir - ou já descobriu - que se desejar levar muito a sério a coisa o que lhe pagam não é lá essas coisas e que, de repente, todo mundo, e não mais somente o governo, passa a ser dono do seu bolso. Precisa tomar cuidado não só com as coisas que terminaram em "istais" como também com as que terminam em "ais", tipo avais, carnavaços...

O amigo está percebendo que está sendo muitíssimo bem tratado por onde anda. Reverências mis, deferências tris. Isso, em parte, porque você ainda não abriu a boca. Estão assim para que você abra a guarda e se exponha. Não vai demorar e você tomará gosto pelo churrasco, paixão pelo clube, mania pela sauna e será mais fácil saber o nome dos garçons do que ter certeza se o colega da mesa ao lado é colega mesmo ou jornalista credenciado.

E que tem muita gente que está presente mas não comparece, como tem gente que comparece, mas que não está presente (agora mesmo tem governador se empossando e que foi daí e, sinceramente, não me lembro ter visto algum alguma vez em algum lugar nesse casarão. E olhe que eu fui muito de tempo integral e dedicação exclusiva).

Falar nisso, não recomendo que faça como eu.

Nem como o colega que me aconselhou quando cheguei, estreante, com toda corda, a alma eufórica, o peito cívico e aloprado de amor incontido ao serviço da Pátria:

"Você está fazendo bobagem trabalhando tanto assim. Você se esgueira desse jeito, fica nesse corre-corre e, no fim, você vai ver. Corre o risco de morrer de estafa e de não se reeleger". E este o verbo que, aos poucos, irá se transformando no fantasma preferido. No começo não entendia por que tanta preocupação com a reeleição. Depois fiquei sabendo que era por causa de Churchill - "o estadista pensa na próxima geração, o político tem que pensar é na próxima eleição". Que coisa mais maluca! Vá ver o Churchill nunca deve ter dito isso.

Mas devo a esse colega, que aliás

já morreu, alguns conselhos que se não serviram foi porque deles não quis me servir mesmo. Coisas como por exemplo: "Nada do que se faz aqui conta na eleição. A melhor fórmula é sempre a primeira que deu certo. Você tem que, primeiro, conquistar um espaço, fazer seu nome, contestar, apoiar, causar polêmica, fazer uns projetos de impacto, se insubordinar, pedir umas duas CPIs e depois se encolher". Lembro dele falando inglês num jantar de embaixada, me dando conselhos e apontando-me depois o exemplo concreto do sobrevivente: "veja o nosso amigo ali; ganhou espaço, fez nome e agora não tendo mais nada a dizer ou a fazer inventou esse arzão de misterioso e o que dá de jornalista atrás dele... mas quando não está chutando está passando informação de segunda mão".

Por falar em embaixada, tem esse lance. A melhor mordomia está na União Soviética. Os alemães não escondem o vinho, nem os ingleses so-negam o uísque. Viagem ao estrangeiro tem uns macetes que eu passei quatro anos e ninguém me falou como era. Mas o Ronaldo, que chegou no fim, me disse que foi à ONU. Tem umas viagens pela Amazônia, na Comissão de Segurança Nacional, que, para quem está a fim de levar a sério a coisa, valem a pena.

O bom, para mim, é levar cada dia sem a preocupação do encontro marcado com a reeleição. É um fantasma que angustia e vi muita gente deixando de engrandecer seus momentos por causa dessa bobagem. Se você faz tudo que entender por bem fazer e o faz se esforçando para fazer direito pode até não receber a recompensa da reeleição. Mas, com certeza, ganhará um lugar na fila daquela coleção dedicada aos que morrem - "perfis parlamentares". Sem prefácio do Marchezan.

A única sugestão que acho que devo dar e pela qual devo me responsabilizar é esta: trate bem todo mundo, em especial os funcionários e os jornalistas. Não é que eles sejam os donos da Casa. Mas é que todos passam e eles sempre ficam.



* Edson Vidigal, ex-deputado, é colaborador do *Correio Braziliense*